

LETRAMENTOS E DISCURSOS ENTRE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DE UMA BIBLIOTECA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL

Girlane Maria Ferreira Florindo¹; Maria Izabel Magalhães²;

¹ Doutoranda em Linguística - UnB, Docente de Língua Portuguesa – IFB, *Campus* Taguatinga, Taguatinga, DF, girlane.florindo@ifb.edu.br

² Orientadora. Pesquisadora Colaboradora na UnB, Brasília-DF. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. mizabel@uol.com.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar os discursos acerca das atividades de letramento entre as pessoas com deficiência visual de uma biblioteca pública específica. O corpus utilizado foi retirado de uma atividade do projeto de pesquisa de doutorado sobre as Práticas de Letramento das Pessoas com deficiência visual numa biblioteca pública específica, coordenado por mim, e é composto de transcrições de uma tertúlia literária; e de um grupo focal produzido neste contexto. A metodologia utilizada é a etnográfico-discursiva, fundamentada pela Análise de Discurso Crítica (ADC). Para as análises, fizemos uso de duas categorias da ADC: Interdiscursividade operada pelas subcategorias da repetição e do campo semântico ativado; e Significado de Palavra/Vocabulário (categorias que evidenciam a função representacional do discurso); a Metáfora (metáforas ontológicas) e a Avaliação (categorias que evidenciam a função identificacional do discurso). Como resultados, verificamos que, o que prevalece é a possibilidade de agência e emancipação (conforme preconizada pelos participantes), as quais podem contribuir para a construção de identidades de ação transformadora.

Palavras-chave: Deficiência Visual; Análise de Discurso Crítica; Tertúlias Literárias.

Introdução

Segundo Boaventura de Sousa Santos (1994, 2000), pode-se afirmar que a modernidade é constituída por dois pilares, o pilar da emancipação e o pilar da regulação, sendo o último constituído pelos princípios do mercado, do Estado e da comunidade. Nesse sentido, a pessoa com deficiência visual estaria ainda sob o impacto das concepções místicas e biomédicas acerca da deficiência visual. Essas marcadas pelo visiocentrismo, ou seja, o centrismo visual moderno nos é trazido pelo modo como o conhecimento científico veio consolidar o domínio da visão sobre os outros sentidos, de tal modo que a hegemonia da visão é coextensiva com a hegemonia da ciência na modernidade; no fundo, estamos perante o reconhecimento da visão como "o sentido da ciência" (Classen, apud Santos, 2014). Assim, o sujeito com cegueira não poderia acessar ao conhecimento. De acordo com essas concepções ainda vigentes acerca da limitação

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

do sujeito deficiente visual em relação ao acesso ao conhecimento que se dá predominantemente nos moldes visuais, podemos questionar: que marcas tais concepções deixam nos discursos das próprias pessoas cegas? Esses discursos evidenciam o pilar da regulação ou o pilar da emancipação?

Tendo por base as concepções da Análise de Discurso Crítica (ADC), segundo a qual discurso e estrutura social possuem uma relação dialética em que a última é tanto uma condição como um efeito da primeira (Fairclough, 2001); a questão primeira a se refletir é a seguinte: o lugar sociocultural da cegueira é em alguma medida o negativo dos valores associados à capacidade de ver; quanto mais uma cultura valoriza a visão, mais tende a depreciar as pessoas que não veem. Como parte de nossa pesquisa inicial, que se quer etnográfica, propusemos uma atividade de letramento no espaço da biblioteca a fim de verificar como as pessoas com deficiência visual percebem a prática de letramento das/nas tertúlias literárias; quais as concepções de letramento são evidenciadas nas falas entre as pessoas com deficiência visual participantes das tertúlias e; como as práticas de letramento proporcionadas pela tertúlia contribuem para a criação de novos sentidos para os participantes. A atividade de letramento que propusemos e que continua em curso é uma Tertúlia Literária.

A metodologia adotada nessa etapa do projeto foi a etnografia discursiva fundamentada pela Análise de Discurso Crítica/ADC. Foi-me possível utilizar os seguintes instrumentos para a geração/coleta de dados: grupos focal, coleta de artefatos, relatos de observação participante (ANGROSINO, 2009). Os artefatos são instrumentos ou objetos que participam, juntamente aos atores sociais, de uma determinada atividade. Neste estudo, o artefato é um poema produzido por um dos participantes no período da realização das tertúlias, o qual foi compartilhado durante o grupo focal. Os participantes do grupo focal são os participantes da tertúlia; e o critério para a participação na tertúlia foi o aceite ao convite apresentado pelo participante colaborador, funcionário da biblioteca.

De acordo com a metodologia das tertúlias literárias dialógicas, deve-se seguir os seguintes princípios conforme CONFAPEA (1999) e FLECHA (1997): *diálogo igualitário* (todas as falas são respeitadas, sem imposição de uma sobre a outra); *inteligência cultural* (toda pessoa tem o que contribuir, pois tem uma inteligência cultural que se constrói ao longo da vida), *transformação* (lendo , refletindo e dialogando a pessoa supera suas próprias limitações ou limitações impostas pelo ambiente ou por outras pessoas); *dimensão instrumental da educação* (o diálogo influencia que se aprenda conhecimentos mais acadêmicos e instrumentais, como será em relação aos aspectos literários, históricos, políticos, linguísticos

além da escrita autoral); *criação de sentido* (além da ressignificação do próprio sentido da vida, uma vida que supera a cegueira, como a construção de novos sentidos para as coisas, para a própria ação no mundo a partir das práticas discursivas e literárias); *solidariedade* (poderão participar deficientes visuais de qualquer classe econômica ou escolaridade, alfabetizados ou não); e, *igualdade de diferenças* (todas as pessoas participantes da tertúlia são iguais em direitos e participação e potencialidades e diferentes no pensar, no criar.)

A tertúlia é um espaço inclusivo por excelência, pois não apresenta hierarquias ou meritocracias, todos os envolvidos detêm a mesma parcela de espaço de fala. Com base nessa premissa, estabeleceu-se as seguintes etapas no desenvolvimento das tertúlias, que acontecem às sextas-feiras, das 14 às 16h: compreensão da realidade individual dos frequentadores da Biblioteca e os obstáculos a que estão sujeitos dia após dia; apresentação de obras literárias como crônicas, contos, cordéis e poesias preferencialmente da língua portuguesa; proposição de reflexões histórico-geográficas, culturais e linguísticas, além de estabelecer conexões com o cotidiano, vivências particulares, referências e analogias aos seus conhecimentos individuais. As obras literárias são disponibilizadas (pelos estudantes bolsistas do Ensino Médio) por meio de audiolivros e impressão em braille com o objetivo de facilitar o acesso à leitura dos textos pelos participantes com deficiência visual.

Metodologia e Pressupostos Teóricos

A Análise do Discurso Crítica (ADC) apresenta-se como teoria e como método de análise das práticas sociais, o que a diferencia de outras pesquisas sociais críticas. Na ADC, o discurso é concebido como um tipo de prática social, de representação e de significação do mundo (Fairclough, 2001). Desse modo, o discurso se torna um constituinte do social, um modo de ação (sobre o mundo e os outros) e uma forma de representação. Ou seja, o discurso tem o poder de criar, reforçar ou desafiar identidades ou posições sociais, relações e formas de conhecimentos e crenças, de modo que ele não pode ser considerado um simples “reprodutor” das entidades e relações sociais, mas um “construtor” dessas relações. Ou seja, o discurso é uma prática, não apenas de representação de mundo, mas de significação de mundo, constituindo o mundo em significados.

Conforme pensa Van Dijk (apud Vieira, 2002), a ADC é uma área que apresenta princípios, práticas, teorias e métodos de difícil delimitação. Portanto, alguns critérios a caracterizam: é um posicionamento ou postura explicitamente crítico para estudar texto escrito e falado; trabalha inter e multidisciplinarmente com a relação entre discurso e sociedade; não

se limita a discursos verbais; centra-se nas relações de poder, de dominação e de desigualdade e em suas formas de reprodução ou de resistência; trabalha as estruturas e as estratégias discursivas de dominação e de resistência; estuda a ideologia e como ela reproduz a resistência, a dominação e a desigualdade; busca descobrir e divulgar as relações de dominação e as estratégias de manipulação, de legitimação e de criação de consenso; é uma postura de oposição ao poder e às elites; mantém postura solidária com relação aos grupos dominados.

Entre outros fatores, interessa-nos a ADC por sua forma de conceituar o sujeito, nela o sujeito é mais que um agente do processo, é um sujeito construído e que constrói os processos discursivos com base em seu caráter de ator ideológico. Conforme esclarecem Resende e Ramalho(2016, p.77),

Por se tratar de construções simbólicas, identidades e diferenças são instáveis, sujeitas a relações de poder e a lutas. Por sua (re)definição. A afirmação da identidade e da diferença no discurso traduz conflitos de poder entre grupos assimetricamente situados.

E no caso deste estudo, temos o grupo daqueles que veem e daqueles que não veem (os deficientes visuais). No contexto das práticas sociais contemporâneas, em que o próprio conhecimento se torna uma mercadoria-chave, produzida, organizada e vendida em bases de competitividade como tantas outras, como ficam as subjetividades dos sujeitos vistos como menos capazes por sua condição sensorial? As opções limitadas ou não acessíveis de formação acadêmico-profissional e de trabalho nessa ordem mercantilizada constitui que tipos de identidades nos sujeitos com cegueira? Numa sociedade marcada e tutelada pela imagem, que letramento são possíveis e possibilitados de serem construídos e compartilhados pelos sujeitos deficientes visuais?

Nossa pesquisa é de cunho etnográfico. E nós podemos fazer etnografia? Segundo Novaes (2011, p.31) “qualquer pesquisador culturalmente sensível pode fazê-la”. E para constituir-se como um pesquisador etnógrafo precisa ter uma pergunta socialmente relevante. No tópico anterior apresentamos várias perguntas que a nosso ver, são relevantes. A etnografia é a ciência que descreve uma população ou grupos de pessoas nos mais variados termos, tais como crenças e práticas sociais (ANGROSINO, 2009). E para fazer a etnografia, o pesquisador deverá ir a campo, e cada campo é único, cada pesquisa é única e cada dia na própria pesquisa é único. E diríamos ainda, cada atividade é única, assim como é única a atividade da tertúlia literária realizada com os participantes com deficiência visual.

Para Barbour (2009), os grupos focais possuem ótimo desempenho em proporcionar *insights* dos processos grupais, sem buscar focar nos resultados da discussão. “Envolvendo muitas vezes considerações longas e aprofundadas de questões abertas e materiais de estímulo, grupos focais têm a capacidade de refletir questões e preocupações que são importantes, em vez de irem conforme a programação do pesquisador” (BARBOUR, 2009, p. 57). O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos. Constituem-se, portanto, numa técnica produtiva para acessar o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos e discursos prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, em nosso estudo, o grupo de pessoas com deficiência visual que participam semanalmente das tertúlias literárias no âmbito da biblioteca. Para melhor compreensão quanto às condições de produção do *corpus* de análise, pretendemos descrever os processos utilizados para a realização do grupo focal. No entanto, precisamos, antes, esclarecer três aspectos.

- 1) O grupo focal aconteceu dentro da tertúlia. Os encontros da tertúlia acontecem às sextas-feiras, das 14 às 16h. Assim, propusemos uma conversa sobre a atividade da tertúlia com base em três questões, lançados ao grupo para a discussão: *Qual o sentido que esta atividade tem para você? Como você pode relacionar os encontros dessa atividade com o seu dia a dia? Que sugestões cada um tem ou pode dar para melhorar a nossa atividade e ainda motivar outros participantes.*
- 2) Salientamos que a participação dos usuários e profissionais que atuam na biblioteca durante as tertúlias e no dia da realização do grupo focal, foi de livre e espontânea vontade, a partir de um convite feito pela pesquisadora e o colaborador da biblioteca. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE e receberam pseudônimos para salvaguardar suas identidades. Participaram do grupo focal realizado em 29/06/18:
- 3) A codificação dos arquivos de áudio e transcrições foi preparado para fins de organização, possuindo no nome deles a abreviação de três informações básicas separadas pelo caractere especial (_), são elas: tipo de instrumento; nome do participante e, identificação da linha de ocorrência na transcrição . Tendo sido esclarecidos esses pontos, podemos avançar para a explicação do grupo focal, material de nossa análise.

A análise do presente trabalho adotou quatro categorias analíticas: a *Interdiscursividade* operada pelas subcategorias da repetição e do campo semântico ativado; e *Significado de Palavra/Vocabulário* (categorias que evidenciam a função representacional do discurso); a *Metáfora* (metáforas ontológicas) e a *Avaliação* (categorias que evidenciam a função identificacional do discurso). Quanto à escolha das categorias, esclarecemos que “a escolha de que categorias utilizar para a análise de um texto não pode ser feita *a priori*. É sempre uma consequência do próprio texto e das questões/preocupações da pesquisa” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p.113) e exige um trabalho rigoroso realizado com a ajuda da lente etnográfico-discursiva. Nesse sentido, explicamos que percebemos a possibilidade de trabalharmos com a categoria da transitividade e da modalidade, por parecerem muito produtivas nos textos em análise, porém em função do pouco tempo de produção deste artigo, não exploraremos tais categoria no momento.

A *interdiscursividade* é em princípio uma categoria representacional, ligada a maneiras particulares de representar o mundo. Para Ramalho e Resende (2011, p.142) “é possível identificar diferentes discursos observando as diferentes maneiras de ‘lexicalizar’ aspectos do mundo (Fairclough, 2003^a)”. Como se pode observar na tabela abaixo, há uma repetição de palavras, palavras derivadas e/ou sinônimos ou quase sinônimos, também consideradas as mais importantes nos excertos selecionados.

Tabela 2 – Tabela de Palavras frequentes

Palavras mais frequentes	Nº de ocorrências
Conhecimento/conhecer	22
Falar	16
Literatura	11
Cultura	11
Oportunidade	09
Participar/participação	09
Leitura/ler	08
Importância	08
Livro	05
Amigos	06



Aprender/aprendizado/aprendizagem	06
Encontro	05
Valorizar	04

Percebemos a vinculação dos participantes da tertúlia literária ao discurso do protagonismo (possibilidade pela atividade de letramento) que entra em contradição com o discurso da limitação, dos obstáculos ao acesso ao conhecimento - pelo indivíduo com cegueira - que ainda paira tanto no senso comum, quanto nos espaços acadêmicos; a exemplo do discurso biomédico ou do discurso jurídico, os quais são articulados e criam uma dualidade entre o vocábulo deficiente e o direito. Para se apropriar de alguns direitos, o sujeito precisa considerar-se uma pessoa com deficiência; e esse termo é muito comum entre as pessoas com cegueira; como observado na fala de *Eduardo*: “Essa atividade é muito importante para nós, principalmente para nós que temos essa deficiência” (GF_Eduardo (32)).

As análises dos dados gerados para este trabalho sugerem que a *interdiscursividade* presente, ou seja, as maneiras como os discursos se articulam entre si estão diretamente relacionadas as maneiras de representar o assunto referente à participação nas atividades da tertúlia, evidenciadas no *campo semântico ativado*. Nas falas, o segundo vocábulo que mais aparece é “falar” (16 ocorrências):

GF_Isabel (52) [...] eu acho que se der para mim continuar mais eu vou ter o que falar e poder testemunhar do que aprendi, do que vi.

GF_Dorina (73) Não tenho tempo de arranjar uma pessoa pra ler pra mim. Eu só escuto, eu não sei falar. Não me ponha para falar não. Eu tô aqui na roda de conversa, aí eu presto atenção no que vocês tão falando, aí eu resumo com as minhas palavras no papel. Pra falar assim, pra me expandir assim que nem o Maurício tá fazendo, em hora que dá um bloqueio sabe?

GF_Maurício (83) Eu aceitei a participar dessa atividade pelo interesse nas fábulas. Posso falar um pouco das fábulas? [...](97) Então falar das fábulas pra mim é uma paixão, é como se eu tivesse apaixonado assim por alguém. Você abre sua boca pra saber se expressar nesse mundo tão tenebroso que a gente vive hoje é tão importante, entendeu?

GF_Dênis (110)[...] Eu sempre falo pra eles, eu falo de coração: não tenho mágoa, não tenho rancor de ninguém. O que eu busco é a compartilhção, quanto mais você conversa, mais você aprende. E esse momento é o agrado. O que Roberto vem falar, o Eduardo vem e fala, a Dorina fala. Quando eu não venho, a emoção é maior, eu fico comigo mesmo: por que não fui na biblioteca? Eu tenho algo a falar com alguém, eu tenho algo a compartilhar. O que eu busco aqui dentro é isso.

(83) 3322.3222

Podemos assim associar o vocábulo *falar* com o campo de significado. Por que a ação de falar (verbo *dicendi*)- que identifica um processo *verbal*- é tão enfatizada por esses sujeitos? Os relatos de observação participante asseveram que principalmente no ambiente familiar, a pessoa com deficiência visual não tem o direito, espaço ou a autonomia de “falar”. Se este espaço não existe ou é ofuscado, o sujeito com deficiência visual não é ouvido. Os deficientes visuais são sempre ouvidos pelas pessoas normovisuais? Em muitos contextos, inclusive o familiar, a identidade construída do sujeito com cegueira é uma identidade legitimadora. Segundo Spivak (2000), não se pode falar pelo “subalterno”, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, ou seja, criar espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa ser ouvido. Ou possa se libertar, como nas palavras de *Dorina*:

(GF_Dorina (107)Então como eu moro só, pra eu ficar sozinha em casa [...] Eu tô aqui de repente, me dá um estralo: eu vou ali. Tomo um banho e já tô saindo. Não tem quem me prenda, não quero ninguém pra tá comigo dentro de casa porque não suporto prisão.

Dorina relaciona a presença de mais alguém morando consigo a uma possibilidade de prisão, com base em nossa observação de campo, ela se refere a um parente, que é vidente; o familiar na maioria das vezes anula a autonomia da pessoa com deficiência visual, até em seu direito de ir e vir por compartilhar de concepções ainda vigentes acerca da limitação do sujeito deficiente visual em relação à capacidade de autonomia, escolha, o que é estendido à questão ao acesso ao conhecimento por este dá predominantemente nos moldes visuais. Haja vista, que o vocábulo que mais aparece é *conhecimento/conhecer* (22 ocorrências) ao referirem ao que a tertúlia literária significava para eles. Nesse sentido, o campo de significado da ação de *falar* extrapola a questão verbal propriamente dita. *Falar* aqui significa ser reconhecido como um sujeito ativo, capaz. Assim, a atividade da tertúlia literária, por sua dinâmica interativa e dialógica, na qual todos têm o direito à fala, sem qualquer hierarquização ou assimetria, possibilita aos participantes com deficiência visual construir o pilar da sua emancipação em contraposição ao pilar da regulação, mantido inclusive no ambiente familiar:

GF_Dênis (112) Olha, tem um cativo todo. A gente quando percebe que tem alguém que se aproxima e você vê uma possibilidade de compartilhar, nesse momento o que você ouviu já nos agrada.

Outra categoria produtiva que nos ajuda a compreender significados identificacionais é a *metáfora*. A *metáfora* está associada a escolhas de caráter estilístico, estando no campo da função experiencial da linguagem (HALLIDAY, 1994). Assim, a maneira como se experienciam aspectos da realidade social podem ser texturizados no discurso, em termos de outros aspectos, estabelecendo correlações. Na atualização realizada pela ADC, a *metáfora*, como categoria discursiva, também está associada à cognição, à maneira como se experienciam os aspectos da realidade, e, assim, permitindo acessar o significado identificacional do discurso. Ou seja, os conceitos metafóricos que estruturam nosso pensamento, também estruturam nossa percepção, nosso comportamento, nossas relações, nossa identidade pessoal e social. (LAKOFF & JOHNSON, 2002). Ainda segundo os autores, há três tipos de metáforas: *as conceituais, as orientacionais e as ontológicas*. Nos textos em análise, percebemos a presença de *metáforas ontológicas*, as quais permitem compreender a forma que experiências (no caso a experiência das atividades de letramento proporcionadas pela tertúlia) são concretizadas.

Ao operarmos discursivamente como comunidade, construímos coletivamente determinados significados e usos de elementos semióticos a fim de representarmos o mundo, de agirmos sobre o mundo, de identificarmos outras pessoas e de nos identificarmos no mundo (FAIRLCOUGH, 2001). Por meio da *metáfora*, a tertúlia literária é identificada nas falas dos participantes (como nos excertos 108, 99 e 121):.

“[...] esse cativo todo é só um buquezinho de flor [...] quanto mais você conversa, mais você aprende. E esse momento é o agrado. (GF_Dênis_108) [...] Então falar das fábulas pra mim é uma paixão, é como se eu fosse apaixonado assim por alguém. [...] (99) sempre estaremos aqui e isso faz com que esse movimento só tenha a melhorar e aprender mais. (GF_Maurício, 121)

Para averiguar o sentido das atividades da tertúlia literária para os participantes também recorreremos à categoria da *avaliação*. Verificamos a presença sobretudo de adjetivos e advérbios no texto:

GF_Isabel (49) então isso pra mim foi de uma grande satisfação.[...] aprendi, me incentivou, queria aprender mais. [...] eu tô muito satisfeita de tá participando aqui com pessoas capacitadas ensinando e oferecendo essa oportunidade.

GF_Dorina (70) É uma coisa nova pra mim, é um aprendizado melhor, a cada dia a gente vai tendo novos conhecimentos, né?

GF_Maurício (101) Eu tenho aprendido muito a ser uma pessoa mais centrada no falar, no agir, no pensar, no mover, no tocar, entendeu?

*GF-Eduardo (119) [...] pra ter conhecimento maior dessa matéria que é **muito importante, muito interessante** .(28) [...] se não fosse uma participação como essa, com pessoas nos ajudando a ter esse conhecimento e que isso nos engrandece.*

Assim, os participantes representam a tertúlia literária como uma atividade positiva e necessária, por meio de *afirmações avaliativas explícitas*, com as quais se comprometem ao reconhecerem a oportunidade de seu espaço de fala, ou seja, seu espaço de ser ouvido, de poder compartilhar aprendizagens, ou ter contato com as narrativas, o que se deu somente na infância, lembrar (“relembança”) e ter “saudade”, como nas palavras de *Dênis*: (GF_ 39) *[ouvir histórias] onde cativava mais o ensinamento que a gente procurava e isso traz uma relembança **muito** boa, porque a gente tem o conhecimento de que a cultura literária ela traz **muita** coisa da antiguidade.*

A avaliação está relacionada aos efeitos que a atividade da tertúlia provoca:

*[...]me serve como terapia, melhora minha consciência revela mais habilidades na minha autonomia. (GF_ Maurício 17).
Creio que seja uma forma muito pura de se absorver informação, seja ela de cultura ou de tentar entender o meio. (GF_ Rogério)*

Trata de um discurso que projeta possibilidades diferentes da realidade , ou seja, relaciona “a projetos de mudança do mundo” de acordo com uma perspectiva particular (RESENDE & RAMALHO, 2016, p.71). Essa análise do significado representacional também pode ser considerada pela categoria significado de palavra. Como trata Fairclough apud RESENDE & RAMALHO, 2016, ‘os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas’. O texto em questão evidencia essa disputa de forma clara, o discurso cultural e historicamente construído pela sociedade majoritariamente vidente e o discurso do grupo minoritário que é dos cidadãos cegos.

Conclusões

Os discursos das pessoas com deficiência visual acerca das atividades da tertúlia literária realizadas no âmbito de uma biblioteca revelam a representação positiva dessa prática de letramento por meio de *afirmações avaliativas explícitas*, com as quais se comprometem ao reconhecerem a oportunidade de seu espaço de fala – a oportunidade de ser ouvido – e de aprendizagem e acesso ao conhecimento. Como indica Magalhães et al (2017, p. 112):

Ao examinar o papel transformador dos textos descobrimos as tensões centrais da mudança contemporânea: novas práticas de letramento

(81) 3132-3333
contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

oferecem instigantes possibilidades em termos de acesso ao conhecimento, à criatividade e ao poder pessoal; ao mesmo tempo, o mundo social mediado textualmente fornece uma tecnologia de poder, controle e vigilância. Os Estudos do Letramento apresentam uma janela tanto para as possibilidades de humanização como de desumanização da mudança contemporânea. (Barton, 2009)

Os participantes por meio da tertúlia literária (uma prática de letramento) expressam o pensamento, compreendem-se como ser no mundo, comunicam-se nessa interação social, enfim, atribuem significação aos elementos da vida social pelo compartilhamento de formas linguísticas/semióticas, único meio possível. Notamos que os participantes reconhecem o potencial da prática em possibilitar-lhes a aproximação à cultura literária e um meio significativo de aprendizagem, o que é por eles representado como algo muito caro. Ou seja, a aprendizagem proporcionada pela tertúlia é uma ação, um artifício potencial para a superação das relações assimétricas, pois permite que esse elemento ativo seja subsidiado por uma reflexividade crítica. Como o discurso é uma prática, não apenas de representação de mundo, mas de significação de mundo, constituindo o mundo em significados, podemos considerar que os significados construídos e vividos pelos participantes da tertúlia caminham para uma emancipação, em contraposição à regulação que lhes é imposta pelo contexto social e familiar.

Referências Bibliográficas

ANGROSINO, M. *Etnografia e observação participante*. Trad. J. Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. *O planejamento na perspectiva qualitativa: teorias e abordagens*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINIZ, Debora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DINIZ, Débora; BARBOSA, Livia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. *SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos*. Volume 6, Nº11, dez-2009.p.65-77. Disponível em: http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/8216/1/ARTIGO_DeficienciaDireitosHumanos.pdf

HEATH, S. B., STREET, B. *On ethnography: approaches to language and literacy research*. Nova York: Teachers College Pres, 2008.

Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2016.

FLECHA, R. *Compartiendo palabras. El aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós, 1997.

FLICK, Uwe. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio, Paz e Terra, 1976.

KLEIMAN, Angela B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MAGALHÃES, I (Org.). *Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores*. MAGALHÃES, Izabel. Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial. *Calidoscópio*, 6(2): 62-68, 2008.

MAGALHÃES, I. MARTINS, A. R.; V. M. *Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MARTINS, B. S. *E se eu fosse cego? Narrativas silenciadas da deficiência*. Porto: Afrontamento, 2006.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica como interdisciplina para a pesquisa social: uma introdução*. In: Iran Ferreira de Melo. (Org.). *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. 1ed. Campinas: Pontes, 2012, p. 99-112.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Trad. ALMEIDA, Sandra. [et al] Belo Horizonte: UFMG, 2000.

STREET, B.V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. BAGNO, Marcos. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B.V. *apud KLEIMAN, A. B. (org.). Os significados do letramento - Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, Mercado de Letras, 1995.

VERINE, Bertrand. *Não podemos ver, não devemos tocar: quais as repercussões dessa máxima no discurso das pessoas cegas?* Revista Benjamin Constant. Edição Especial. Rio de Janeiro, 2013.